

À noite morre

Confesso a vocês que bebi. E bebi muito. daquelas que, no dia seguinte, você aparenta a uma garrafa quebrada da mais pura pinga que há. Sentia uma tranquilidade enorme por já estar, pelo menos, em minha cidade. Tenho que dizer que o meu torpor não foi em qualquer lugar ou em qualquer festa. Foi em Januária. A mais bela festa daquela temporada. Afirmação minha, porém, no fundo, eu só queria beber. Ah...vamos deixar de conversa. Eu poderia estar no mais imundo dos botecos da cidade que meu corpo alojar-se-ia nele, leve como uma pena. E minha alma invadir-se-ia, pouco a pouco, de uma das mais buscadas sensações: o prazer.

Mas, naquele momento, já em minha cidade, a sensação de prazer esvaia-se e dava lugar ao estágio final de uma noite inteira de sofreguidão nos bares. Sentia-me como a uma nuvem em noite de borrasca. Ajudado pela madrugada que seguia firme, só via brumas à minha frente, pontos verdes, azuis, claridades tênues de postes incansáveis que se perfilavam ao ritmo intenso de uma noite de Lua Morta.

- Vem JP. Vamos ali tomar um café na casa do Ademir.

Era Vilma, minha irmã. É perturbador uma pessoa bêbada deixar-se levar por qualquer um. Eu mal ouvia, estava carregado, profundamente carregado de coisas. Eram coisas invisíveis que me pesavam todo o corpo. Parecia que carregava um caminhão inteiro de cachaça, mas carregava somente uma pessoa: eu mesmo, um homenzinho cheio de crises, de dúvidas, negando a mim mesmo, destruindo-me e sentindo prazer com isso. E minha irmã a me chamar e a me usar em seus truques. Não poderia chegar sozinha em casa. Por isso essa atitude. Sentia raiva dela. Sinto raiva desse Ademir. Sentia raiva de tudo que me cercava.

Eu caminhava seguindo aquelas manchas à minha frente. E a cada passo a raiva ia escorrendo pelas pernas, deixando-me. Sentia os confins da cidade já querendo me possuir. As ruas ficavam cada vez mais escuras. Onde foi parar a raiva? Cedeu lugar à melancolia. Merda... não gosto desse Ademir, mas preciso do café dele. Não chegará nunca essa maldita casa? Acho que os pontos pararam. E um ponto maior adentrou em minhas retinas sem pedir licença.

- E aí pessoal, como foi a festa? _ disse uma senhora de estatura baixa. Era gorda. Pensei no botijão lá de casa. Segurei para não rir. Parecia ser simpática. Pelo menos tentava agradar com a sua fala arrastada e mansa.

- Muito boa, tia. Você pode notar até mesmo pelo estado desse “senhor” aqui.

Desgraçado, vá arranjar outro para aporrinhar.

- Tia, não tem um jeitinho da senhora preparar um cafezinho para nós. Estamos precisando.

Olhava para mim com seu sarcasmo dissimulado. Eu ainda pego esse sujeito. Filho da...

- Ôhh, é pra já. Está saindo um fresquinho aqui, do jeito que vocês precisam: forte e quente.

Eu levava a mão aos olhos tentando impedir a passagem daquela luz que maltratava minhas vistas. Resolvi ficar de costas para aquela casa que me maldizia. Estávamos no passeio, em frente a casa. Ele era de terra batida. Ademir me esquecerera, mas não à minha irmã. Enredava-a com as suas conversas baratas, seu olhar de peixe morto. Seu

tom de voz confidencial me irritava. Tentava pensar em outra coisa, mas minha vontade era sair logo dali. Medi os prós e os contras e resolvi esperar o café. Depois iria, seguiria meu errante passo. Olhei para o chão e vi aquela terra sob meus pés. Terra compacta. Só mesmo uma pá para revolvê-la. Comecei a dar pisadelas na terra. Aquilo me agradava. Senti meu coração pulsar de emoção. A terra soltava grunhidos de pós. Eles se instalavam em meu tênis feito erva daninha.

- Olha o café fresquinho...

Voltava a tia-botijão com um garrafa térmica e três copos. Sentia, atrás dela, que a casa estava viva.

- Tenho que ser rápida, porque viajamos daqui a pouco pra São Paulo.

Estava explicada a vivacidade da casa. Ela ganhava forma atrás de mim. Eu sentia medo disso. Logo seria um formigueiro em dia de festa e me aporrihariam com um monte de perguntas inescrupulosas. Arrancariam a vida de mim, vasculhariam os buracos da minha existência e eu nem conhecia aquele povo. Tentava tomar o café rapidamente, mas ele estava quente. Esquentava a minha mão e soltava vapores de felicidade por isso. Senti-o gozar de prazer quando queimou a minha língua. Agora ela ardia muito e essa ardência esquadrihava o meu corpo. Sentindo contrações, olhei de esguelha para o lado e vi que Ademir ganhara. Ele e Vilma eram somente um, como o café ao copo.

Eu adoro outras partes do meu corpo. Às vezes elas são mais ágeis do que minha consciência. Foi o que aconteceu. A minha santa mão agira antes de mim: deixara o copo escorregar e estilhaçar no chão de terra batida.

-Que foi isso JP? _ disse Vilma desvencilhando-se daquele moleque.

Minha mão havia ganhado. Ela acariciava meu peito de contentamento. Mal pude comemorar junto a ela, pois algo mais excitante me chamava atenção. Era o café que estava sendo chupado pela terra gostoso e, ao mesmo tempo, espalhava-se por sua superfície formando uma figura. Essa figura me fascinava. Ela agonizava, estava cheia de terror e gritava por ajuda. Eu estava satisfeito com aquilo, mas continuava impassível, dando pisadelas na figura que enlameava meu tênis.

- Tudo bem, tudo bem. Não se preocupe JP. Isso acontece. Deixa tudo como está que minha tia ajeita.

- É, meu filho, pode deixar que cato os cacos pra você.

Quem eles pensam que são? Por que esse rapazinho insignificante me trata por JP? Nem meu amigo ele é. E esse botijão humano. Nunca dei intimidade para me tratar como a seu filho! Ora, vão ao diabo todos vocês! Principalmente essa imbecil que fica com qualquer um. E ainda olhava-me com censura, com ar de quem sabe mais. Não precisava mais ficar naquela casa grotesca. Vou-me agora mesmo.

- Desculpem, desculpem. Sinto que já preciso ir. Boa viagem. E vocês... adeus _ minha mão se abriu e tentava desembassar o ar. Depois, vendo que de nada adiantara ter quebrado o copo, pois os dois já formavam um novamente, ela desistira e resolvera se acomodar em meu bolso quente.

Sentia, em anuviados pensamentos, que a noite deslizava do céu ao chão. Ela se decompunha em uma infinidade de milhos que eram espalhados por todo o lugar e os galináceos de toda região escutavam o barulho deles se ajeitando no chão e corriam felizes da vida, batendo suas asas e eriçando suas penas. Comia-os, fortaleciam-se e

anunciavam uma linda aurora de um novo dia que gotejava nos telhados das casas, perfurando-os e iniciando uma nova manhã. E eu já os ouvia maviosos cantarem:

- Pode vir aurora, pode vir aurora, pode vir aurora...

Para completar essa “sinfonia anunciadora de manhãs”, os cães uivavam implorando complacência à noite, pedindo não somente os milhos aos galináceos, mas também que ela fizesse a gentileza de decompor-se em pedaços macios de bifés suculentos, ou até mesmo ossos gigantes com pedaços de nervos grudados neles. Em vão. Mas eles eram incansáveis e uivavam ainda mais.

Eu achava tudo aquilo esplêndido. Chegava a enxergar melhor e mais nitidamente. Era cúmplice da morte da noite. Ela se tornava cada vez mais pálida. Estava cinza. Era para eu estar triste, mas esbanjava felicidade, ria até às orelhas. Foi nesse turbilhão de alegria que resolvi categoricamente ver ao sol nascer lá no Cais. Este não estava muito longe dali, mas eu teria que manter o passo firme, compassado. Senão, tarde demais.

Entrava em uma rua conhecida e tecia um mapa corta-caminhos em minha cabeça. Ela já trabalhava melhor, rapidamente, motorzinho que ainda zunia, mas eficaz. Pronto! Decodifiquei para as minhas pernas o mapa e elas seguiam firmes, já sabendo o rumo a tomar. Fiquei com nada na cabeça, nenhum pensamento. Ela se balançava levemente ao arfar de uma frágil brisa. Eu olhava as casas passarem ao meu redor e nenhuma delas me chamava a atenção. Fui passando, passando. Opa! Vejo algo ali. Era uma simples propaganda grafada com caneta preta em um papelão pardo e cuidadosamente pendurado em uma grade velha, enferrujada, com fincos na ponta. O que segurava o papelão com o dizer era um mirrado cordãozinho vagabundo de algodão. Estava escrito: vende-se CHUP-CHUP. Uhhh, interessante. O pequeno cartaz não me chamou a atenção pelo que dizia, pois a todo o momento poder-se-ia encontrar esses dizeres pendurados em qualquer grade de qualquer casa. Chamou-me a atenção a representação daquele verbo vende-se. Puxa! Se eu fosse dono de um bar ou restaurante, colocaria, em dourado numa placa de metal reluzente e ainda chumbado na parede, os seguintes dizeres: vendem-se palavras. Aquilo me animou. Já podia até ver o sucesso de meu empreendimento. Não seriam palavras vendidas como pirulitos em um saquinho a vácuo. Não... seria uma sopa de palavras. Um caldeirão cheio de palavras com caldo de verbetes. Que sucesso faria! Eu seria conhecido como “JP das palavras”. Maravilha! Eu já imaginava aquela fila enorme de dobrar quarteirões inteiros e todos querendo a minha sopa:

- Ei camarada, não fura fila, não. Senão eu vou aí e estouro a tua cara.

- Ei, psiu. Você precisa de um prato, seu tonto! Ou vai pegar as palavras com a mão?

Eu me via como a um mestre-cuca, regendo aquela fila de famintos por palavras. Eu, JP, com uma concha na mão e servindo todo aquele povo.

- Seu JP, eu quero as palavras trabalho, educação e estudo.

Eu pensaria: “mas são só palavras”. Mas aquietar-me-ia e continuaria a servir.

- Eu quero todas as palavras _ diria um mais afoito.

- Infelizmente ninguém pode tê-las _ diria eu.

- Como não, estou pagando!? Aí pessoal, ele não me quer servir.

- Que é isso! Serve logo isso aí JP, deixe de ganâncias.

- Se não servir eu vou aí e te estouro a cara.

- Serve aí, serve aí. Eu quero sexo. É _ diria animado _, eu quero todas as palavras sexo.

- Peraí, eu também quero essa.

- Eu também, seu grande filho-da-mãe ganancioso.

Então a fila descompor-se-ia e aquele tropel humano faria um amontoado em frente ao caldeirão. Seria um bafafá só, todos querendo uma mesma palavra. Eu, filosoficamente, diria:

- Pessoal, vocês não entendem. As palavras são como a moeda de um país. Quanto mais cédulas circularem no mercado, o dinheiro se desvaloriza. Assim é com o ouro: quanto mais ouro no mercado, menos ele valerá, pois se tornará um material banal. E assim é com as palavras. Vocês querem a banalização delas?

- Que se dane essa tal banalização! Eu quero é sexo.

- É, queremos sexo, seu ganancioso.

- Solta logo esse caldeirão aí, senão eu vou aí e te estouro a cara.

Resolveria, então, apelar para outro item:

- Mas gente, são só palavras. Simplesmente palavras, sem significado, e que só o terão quando cada um de vocês souber mastigar, engolir e interpretar conscientemente cada uma delas. E isso demanda tempo, muito tempo.

- Que se dane o tempo. Eu não tenho esse tempo todo pra perder. Eu quero o que quero e vai ser agora. Vamos lá pessoal.

- É, vamos morrer de tanto comer. E sai de perto senão estouro tuas caras.

E se poriam a guerrear por um prato de sopa de palavras, com cada um indo à cata da sua preferida.

Fiquei nostalgicamente triste, pois meu empreendimento falira antes mesmo de ter-se realizado. Isso logo passou quando senti as minhas pernas percorrerem alegremente o traçado do mapa corta-caminhos.

Já estava na Rua do Cais. Rua que se chamava, coincidentemente, Januária. Fiquei feliz por esse acordo do destino. Já podia avistar o Rio, parcialmente encoberto por grandes árvores do Cais. Aquilo me envolvia, fascinava-me. Estava transbordando emoção. A emoção pingava, deixando um traçado atrás de mim. Que beleza! A noite agonizara, os galináceos cantavam, os cães uivavam. Que orquestra! Que sutilezas da natureza. Poucos percebiam isso. Queria ser o único a perceber, a gozar cada momento desse, cada agonia da noite. Sozinho. Já podia vê-lo totalmente: o Rio só meu, o Rio da solidão, o Rio São Francisco. Ele seguia o seu traçado majestosa e imponentemente. E lá, onde a vista humana não mais alcança, iria nascer o mais belo dos belos: o Sol, confundindo-se com o traçado do Rio. O horizonte já se alaranjara prenunciando este momento fulgurante. Sentei numa banquetta e esperei. Enquanto isso olhava aquela cobra gigante que ladeava a nossa costa, entrecortava as ilhazinhas e a cidade, tinha uma cor parda café-com-leite e as nuvens refletiam-se nela, formando pequenos conjuntos esparsos de chantilly. Estava com fome. Tentei desvencilhar-me desse pensamento. Então refleti: para onde esse rio quer ir? Qual o intuito dele? Acho que nenhum. Ele quer somente ganhar força, alargar-se e se tornar fundo, ganhando respeito dos vários Estados que trincam à sua passagem, ajudando os ribeirinhos com seus peixes, os agricultores com suas finanças, os pobres caipiras

com suas subsistências, o resseco dos nordestinos. Mas ele é prepotente: quer se tornar famoso como o Nilo. Um dia, talvez consiga.

Notei uma movimentação lá embaixo, junto às barcaças. Eram os verdadeiros trabalhadores brasileiros, gente de labuta. Estavam ainda sonolentos aguardando a chegada de mais pessoas para encherem o barco e seguirem lá pras bandas do Mocambinho. Iriam trabalhar duro lá, mas uma coisa que esse povo não tem medo é de trabalho. Cada novo corpo sonolento que chegava enchia a barca de ânimo:

- Ôh Joaquim, atrasado hoje, heim!

- É, a patroa não me deixou sossegado essa noite _ e se ria e fazia rir mostrando seus dentes lavrados.

Comecei a me interessar por aquele movimento. Ia-se chegando mais e mais gente, carregando bicicleta, marmita embrulhada em pano de prato úmido, com seus chapéus, seus rolos de fumo, suas alegrias... suas tristezas. Notei um senhor franzino vindo em minha direção. Mais parecia uma formiguinha frágil e facilmente carregada por um vento mais forte. Sabia que ele queria conversar, desabafar, e me escolhera para isso. Talvez por me achar um rapazinho simpático e que sabia ouvir os mais experientes. Estava certo.

- Bom dia, moço. Tá frio, né? _ um bom começo para puxar uma prosa.

- É, mas depois passa _ foi só o que me veio à cabeça.

- Pois é, tenho um fio um pouco mais véio que ocê _ conseguiu o que queria: ligar a minha fala às preocupações dele. _ Estou teno muito probrema com ele. Num qué mais estudá, vive vadiano por aí com má influências. E eu véio, precisano de aposentá, mas sabendo que se fizé isso, num terei mais feijão dentro de casa pra minha famía. Purisso tô aqui, tentano trabaiá pra ele estudá e sê alguém na vida _ seus olhos ficaram vermelhos e isso começava a me incomodar. _ Fiço tudo, tudo, e ele num faz nada por mim.

Nesse instante, o sol rebentava das entranhas do Rio. Aparecia impotente, majestoso e brilhante. Os seus fachos de luz surgiam e fluíam no ar, penetravam deliciosamente em meus poros. Sentia que o velho era adepto a igual sensação. Seus olhos brilhavam e refletiam infinitos fachos de luz. Através deles eu podia ver a sua alma feliz, desgraçadamente feliz.

- Que maravioso! Num me canso de encantar com esse sol. Todo dia vejo ele e todo dia ele me recarrega. Vemos aqui a grandeza que é Deus, que criou isso tudo pra nós, num é mesmo, fio?

- É... _ pensava no niilismo de Sartre.

- Ôh Joãozim, vamô indo, o barco já tá cheio.

- Já tô ino _ gritou ele de cima _, meu fio, foi um prazê conversá com ôce. Torne um homem de bem, sem maldades no coração. Que Deus te guie.

- Amém. _ disse eu absorto em pensamentos longínquos.

E lá foi ele descendo as escadas feito formiga. Entrou na barca que soltava baforadas ao ar.

- tó.....tó.....tó....tó..tó.tó tó tó tó tó tótótótótótó...

E foi. Aquele arquipélago humano sulcando as águas do Rio São Francisco. Olhei para o sol. Havia se escondido timidamente atrás de uma nuvem enorme que se tornava levemente rósea. Ela parecia um peixe gigante. Um grande surubim que

havia criado asas e que agora adornava o céu com seus grandes bigodes e sua boca larga. Um grande peixe rosa.

Despedi-me do Sol, chamando-o “irmão Sol” e segui o traçado da emoção que havia pingado. Agora eu pisava nele. Fortemente. Mas percebi que meu estômago estava feito um tambor descompassado e resolvi passar na padaria para comprar algo. Cheguei. Comprei quatro pães com as migalhas que estavam em meu bolso. Eram migalhas de minha sobriedade. Atravessei as ruas, já cintilantes, e cheguei em casa. Por sorte encontrei a porta aberta. Eles estavam acordados. Entrei. Anunciei-me:

- Bom dia. Dormiu bem? _ Disse meu pai contente por me ver e com grande humor.

- Fui ver ao nascer do Sol _ disse com voz embasbacada _, é maravilhoso! Ah, comprei pão para nós _ levantei o saco e sacudi aqueles pães que se apertavam.

- Pois senta e vamos tomar café _ disse minha mãe anunciando-se.

- Sua irmã vai embora amanhã. Não quer mais ficar aqui. Eu e sua mãe dissemos a ela algumas coisas.

Ouvia tudo com grande imparcialidade. Depois arrematei:

- Bom. Sobrará tempo para ela estudar lá _ mal acreditando no que dizia.

Comemos com grande prazer os pães. Meu pai comeu o maior. Minha mãe contentou-se com o menor deles e ainda tirou o miolo do pobre pão. Eu comi qualquer um, mas coloquei manteiga. O outro... o outro envelheceu no armário.